



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

O texto “A Fronteira Amazônica” trata a questão do ponto de vista econômico, que cito como mais um olhar sobre a questão:

Meio milênio de distintas economias extrativistas apenas enriqueceram brevemente uma parcela das oligarquias locais, deixando para trás uma terra mais empobrecida. Se a História da Amazônia tem sido um permanente desafio às noções de progresso, natureza e homem [...] (SOUZA, 2001, p.206)

No período da batalha da borracha, o governo Vargas protagonizou uma propaganda oficial que tinha em seu discurso a “defesa da pátria ameaçada” (PIZARRO, 2012, p. 160), mas a Amazônia era também apresentada “como um paraíso, como Eldorado, lugar de enriquecimento rápido” (PIZARRO, 2012, p.161). Estabelecendo uma relação da estratégia utilizada pelo oficial, podemos nos remeter ainda ao que escreve Pizarro

O discurso da borracha, definidor da história amazônica, tem na realidade várias vozes. É um discurso que se constrói em movimento, em oposições, no marco de situações aleatórias que o tornam complexo e o fazem obscuro (...) (PIZARRO, 2012, p. 123)

É pertinente acrescentar que os discursos sempre serviram aos interesses econômicos e políticos. Se naquela época, ainda no final do século XIX, “para os governos, era questão de colonizar sob o argumento do Estado-Nação” (PIZARRO, 2012, p 129), por meio das “vozes do poder” dos “coronéis da borracha” tentavam dar sentido a sua ação exploradora e a relação complicada com os explorados (seringueiros e indígenas).

Neste ponto, acredito se fazer necessário citar a descrição de Tocantins sobre o período:

De 1877 em diante as terras dos vales do alto Purus, Juruá e seus afluentes, descerraram sua riqueza vegetal para as grandes correntes humanas que acudiam a região, ansiosas por sangrar as árvores de seringa altamente produtivas, recordando as tulmutuárias entradas do século XVIII. As secas que assolaram o nordeste, nessa época auxiliavam o povoamento: a gente do sertão encontrava nas selvas a fortuna fácil, escorrendo dos troncos da hevea. (TOCANTINS, 1973, p. 165)

Sobre este aspecto Rocha suscita que “a alienação, portanto é um dos métodos empreendidos pelo colonizador, que procura(va) convencer os indígenas, caboclos, híbridos ou negros de que o colonialismo deveria arrancá-los das trevas”. (ROCHA, 2012, p. 62) e que a redenção seria estabelecer-se para explorar a região.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

contribuir com a compreensão do como se constrói e desconstrói conceitos frente a interesses e ou tomadas de decisão articulada supostamente ao poder de governos, governantes, imprensa e sociedade. Quem determina e o que determinado? Como se determina algo e quais intenções atendem e quem poderá contestar ou não tais intenções?

No que se refere às narrativas, na construção da acreanidade e dessa identidade do “ser acreano”, dois jornais impressos, veiculados em períodos diferentes no Acre, podem ter tido papel primordial na produção de um “jeito acreano” de ser e de pensar de que somos todos descendentes de índios e seringueiros e provenientes da vida no seringal. Assim, a acreanidade, enquanto construção e valorização dos aspectos históricos e culturais do Acre, seria o culto do sentimento de pertencimento do povo acreano ao território do Acre, gestado em uma “sociedade florestal”.

Como se sabe, as palavras usadas trazem em si componentes que evidenciam a cultura como também a identidade de quem as pronuncia.

Dessa forma, como nos alerta Le Goff “a memória, de onde nasce à história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”. Devemos, então, trabalhar de “forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 2003, p. 477)

Considerações finais

A sobreposição das transparências entre as leituras propostas e a hipótese que levanto revelou importantes pontos de intersecção entre as práticas colonialistas, as narrativas históricas e a práxis discursiva observada nos governos recentes do Acre.

As leituras propostas no decorrer da disciplina contribuíram para que fosse possível estabelecer um olhar ao passado e assim conectar a ideia à contemporaneidade, ancorando que desde os tempos mais remotos, se pretende



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

tentássemos, por meio de estudos e teorias, apenas sobrepor um discurso ao outro, desqualificando as ações empregadas com o propósito claramente publicado de homogeneizar o pensamento, atribuindo sentidos e desejos de que, de forma até fantasiosa talvez, tenha estabelecido um link com os anseios de uma população que sempre foi vilipendiada em sua identificação territorial.

O papel do trabalho acadêmico, seja talvez, em minha modesta visão, o de tentar compreender as mutações sociais e porque a sociedade é tão diversa em linguagens e atribuição de valores às coisas.

“Entretanto, para além do incômodo implicado no exercício da vida cotidiana, ainda inteiramente impregnada pela língua do colonizador, não se decide por decreto o modo de falar de uma nação”. (MEMMI, 2007, p.60). Creio poder ser essa uma das respostas para a hipótese proposta.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Diniz. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2012.

BATISTA, Djalma. **Amazônia: cultura e sociedade**. 3ª edição. Manaus: Valer, 2006.

CUNHA, Euclides. **Um paraíso perdido: reunião de ensaios amazônicos**. Coleção Brasil 500 anos. Brasília: Senado Federal, 2000b.

EAGLETON, Terry. **“Versões de Cultura”**. In: *A Ideia de Cultura*. Trad. Sandra Castelo Branco. São Paulo. Editora da UNESP, 2005.

FANON, Frantz. **“Sobre a violência”**. In: *Os condenados da Terra*. Trad. Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Editora da UFRJ, 2005.

HARDMAN, Francisco Foot. **“Euclides, a Amazônia e o infinito, pp 23-80”**. In _____, F.F. *A vingança da Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

LE GOFF, Jacques. **“O deserto-floresta no Ocidente Medieval”**, pp. 37/53. In LE GOFF. J. *O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa – Portugal: Edições 70, 1989.

